

**GOIG, Ramon Llopis (editor). Fútbol Postnacional Transformaciones sociales y culturales Del «deporte global» en Europa y América Latina .Barcelona: Rubí: Anthropos Editorial, 2009, 205p.**

Tiago Sales de Lima Figueiredo.

Universidade Federal Fluminense

A maneira veloz pela qual o futebol se popularizou ao redor do mundo é inexplicável. Os ingleses que migravam para outros países, em geral para o trabalho nas fábricas, levavam com eles este esporte de regras complexas, mas certamente apaixonante. Tanto que, diferentemente do seu irmão, o *rugby*, o *football association* deixou de lado a identidade de esporte inglês e se converteu em esporte global.

Nas últimas décadas do século XX esse esporte tomou proporções únicas. O futebol deixou em segundo plano sua dimensão esportiva para se tornar um dos mega-eventos mais rentáveis do planeta. Um mercado onde *pés-de-obra* (cf. DAMO, 2007) são modelados desde tenra idade em países da América Latina e África para serem depois, exportados para o mercado milionário europeu. Além disso, o futebol se incrustou dentro da estrutura social e da cultura de diversos países, modelando-se através da maneira pela qual se popularizou em cada cada lugar. Não é de se espantar que o futebol seja tema cada vez mais recorrente dentro das ciências sociais. E a partir dessa relação entre esporte e sociedade a coletânea organizada por Ramón Llopis traz uma série de reflexões sobre como o futebol sai da Inglaterra, espalha-se por diversas partes do mundo, tomando outros significados, e voltando à Inglaterra já não mais dona de sua criação.

Não bastasse o esporte praticado nas fábricas do início do século XX ter se tornado o mais popular do mundo, também é o que mais envolve pessoas trabalhando ao seu redor. Avalia-se que quatro por cento da população mundial trabalha envolvida com o futebol. Além disso, como frequentemente se repete, a FIFA é a organização internacional com mais federações nacionais no mundo, superando a ONU em 16 associados.

Llopis Goig apresenta, nos artigos do livro, a constituição do mercado mundial do futebol e sua crescente rentabilidade, aspecto que se desenvolve contra sentimentos de pertença ligados às seleções nacionais. Os artigos propõem reflexões sobre as identidades dos times, pertencentes a clubes que, de privados se convertem em sociedades anônimas. Refletem também sobre as mudanças dentro dos interesses das seleções nacionais.

Os doze artigos da coletânea são escritos por cientistas sociais de diferentes países entre eles: Inglaterra, Escócia, Espanha, Portugal, Alemanha, Noruega, Brasil, Uruguai, Argentina, Peru e Equador e Bolívia. Salvo a Noruega, em todos estes países a representatividade das seleções nacionais é enorme.

A Noruega é um dos raros casos em que o futebol não se popularizou a partir de sua chegada, no final do século XIX. Neste caso, os esportes mais populares são aqueles praticados nos jogos de inverno. No entanto, já no final do século XX a seleção norueguesa, treinada por Egil Drillo, teve uma série de vitórias importantes. Classificar-se para a Copa do Mundo de 1990, e nos anos subsequentes ganhar da Itália, empatar com a Inglaterra e ganhar do Brasil trouxe o universo do futebol às terras geladas deste país nórdico. A crescente popularização do futebol veio junto com o impacto das migrações de *boleiros* estrangeiros.

Cinco por cento dos jogadores na Noruega são estrangeiros. Antes de 1995, os poucos migrantes desportivos que havia por lá, eram, em sua maioria, europeus. Logo após, a importação massiva de jogadores africanos e alguns poucos latinos transformou as regras da lei de migração do país. A concessão de visto para profissionais envolvidos com o esporte estrangeiros era dada na condição deste ser comprovadamente imprescindível àquela equipe.

A batalha de argumentações entre os órgãos responsáveis defende essas medidas alegando que, desta forma, defende-se o direito dos noruegueses de nascimento ter espaço no mercado de trabalho futebolista. E é, justamente, baseando-se nesses conflitos e contradições político-culturais que Mette Anderson, a autora do artigo sobre a Noruega, discute o racismo no futebol, resultante das migrações desportivas, que por sua vez é um fenômeno global. Discute, também, as mudanças geradas na sociedade norueguesa por este fenômeno.

O futebol moderno, como é sabido, foi criado na Inglaterra. John Williams nos mostra que, sociologicamente, o futebol inglês pode ser pensado de três maneiras distintas: 1ª como um conjunto de dualidades complexas e opostas que se entrecruzam 2ª como campo de disputas de honra produzidas num espaço central; 3ª como uma espécie de construção de identidade regional e nacional. A nova representação do anglicanismo no futebol pós-hooligans sugere uma identidade mais branda, menos masculinizada e com maior presença de mulheres e minorias étnicas.

Apesar da crescente paixão clubística, John Williams demonstra que a seleção inglesa ainda desperta muito interesse ao público. O caso alemão, exposto por Bernd Schulze, demonstra como o perfil da seleção foi seguindo o fluxo da história do país. Quando os nacionalistas chegaram ao poder, excluíram-se os judeus do futebol e, em

um primeiro momento, foi proibida a criação de uma liga profissional de futebol. Só depois do fracasso nos jogos Olímpicos de 1936, em Berlim, foi que o governo do *führer* mudou sua postura e então o esporte se integrou ao movimento nacionalista. Aponta, ainda, que o estilo de jogo da seleção alemã está relacionado com as *virtudes do povo alemães* desde que ganhou a Copa do Mundo de 1954. A cena atual do futebol alemão, como em todo mundo, passa pela massiva presença de jogadores estrangeiros, inclusive na própria seleção.

Voltando à Grã-Bretanha, Richard Giulianotti mostra a Escócia como o país dentro do reino unido mais arraigado ao futebol. Os escoceses contribuíram em vários aspectos para o desenvolvimento do futebol moderno. Giulianotti também aponta como o desempenho da seleção reflete o que denomina a psicologia-política dos escoceses. Neste caso, o evento crucial teria sido a Copa do Mundo de 1978, como uma expressão simbólica do transtorno psico-político da população. Segundo Giulianotti, expressou-se aí a neurose nacional de “ganhar quando não há nada em jogo”, expressa na obsessão de ganhar da Inglaterra que rondava o imaginário popular nos anos setenta e oitenta. Para alguns críticos, isto refletia a imaturidade política da sociedade escocesa.

O organizador do livro, Llopis Goig, oferece um panorama etno-territorial da Espanha. É interessante notar como times como Barcelona, Atlético de Bilbao e Real Madrid trazem uma carga de responsabilidade de representação étnica ou política. O primeiro, por muito tempo, representando os catalães, o segundo, o país Basco, região da Espanha com mais conflitos, devido ao isolamento étnico e linguístico dos bascos. E o terceiro representando o regime monárquico da capital, Madrid.

Durante a ditadura de Franco a seleção espanhola teve que mudar as cores do seu uniforme e entoar cantos fascistas. Em tese, a seleção congregaria representação da virilidade hispânica, impetuosidade e fúria.

Carlos Nolasco traz uma análise sobre o futebol português, mostrando a supremacia dos times do Porto e do Benfica. Em Portugal pode-se definir o fenômeno futebol através do localismo globalizado (SANTOS, 1977). Nolasco finaliza seu artigo analisando os impactos políticos e econômicos após a Eurocopa de 2004, celebrada em Portugal.

Arlei Damo apresenta uma ótica diferente na análise do esporte: propõe pensar o esporte enquanto técnica corporal (MAUSS, 1965). Sob tal perspectiva, analisa o *futebol-arte* brasileiro e a relação estabelecida com o capital corporal afro-descendente. O *futebol made in Brasil* seria branco nas regras e negro no estilo, sendo, atualmente, o recordista em títulos de mundiais. Ademais, a seleção brasileira é a única a ter participado de todas as Copas do Mundo da FIFA. Em suma a seleção brasileira formado por negros, pardos e brancos representa a complexidade das categorias raciais existente no país.

Ainda dentro da América Latina, temos o país que primeiro sediou uma Copa do mundo, o Uruguai. O futebol uruguaio foi fundado por imigrantes ingleses que trabalhavam na ferrovia. Este país foi o primeiro do cone sul a ter o futebol como paixão nacional. Nas olimpíadas de 1924 e 1928 o Uruguai foi campeão. Deste modo em 1930 organizou a primeira Copa do mundo onde também foi o primeiro campeão, ganhando o jogo final da Argentina. Entretanto, o grande fenômeno do futebol uruguaio, segundo os autores do artigo Marrero e Piñeyrúa foi a vitória sobre o Brasil, no Maracanã, em 1950. De certa forma, a identidade uruguaia se constrói (e se explica)

no futebol com o *maracanazo*. O pequeno desbancando o gigante. Nem os próprios uruguaios acreditavam que iriam ganhar do Brasil naquela partida que teria representado uma esperança para o desenvolvimento econômico da banda oriental, espremida no meio de gigantes como Argentina e o Brasil.

Pablo Alabarces mostra o futebol argentino e os clubes se tornando sociedades anônimas, bem como a camisa da seleção argentina como ícone da identidade nacional. Registra que, na crise de 2001, os piqueteiros balançavam a bandeira da Argentina e usavam a camisa da seleção nos protestos.

O livro também traz artigos sobre países inimagináveis dentro do cenário internacional do futebol, como a Bolívia, Equador e Peru. Demonstram, entretanto, que, em âmbito nacional, o futebol tem muita força nestes países.

Na Bolívia, embora não tenha representatividade internacional suficiente e ter participado apenas de uma Copa, o futebol tem um papel importante na manutenção da imagem da “nação boliviana”.

O futebol peruano tem certa representatividade simbólica dentro nação. É interessante notar que, apesar de pobre, existe uma quantidade considerável de jogadores estrangeiros migrando para os times peruanos.

Jacques P. Ramirez mostra a importância da seleção equatoriana para a identidade do país. O estádio é o local no qual faz sentido o sentimento de pertença.

*Fútbol Postnacional Transformaciones sociales y culturales Del deporte global en Europa y América Latina* traz, assim, um panorama muito interessante para se ter uma noção de como o esporte tem peso dentro da construção da identidade nacional, em diversos países. Os artigos que compõem o livro não trazem discussões teóricas muito densas, em geral são apontamentos históricos e a teoria é pincelada de maneira bem

rápida. Contudo, é ideal para quem deseja entender o futebol sob a ótica das ciências sociais sem que necessariamente seja da área. Ou mesmo para apaixonados pelo esporte.

No entanto, para estudiosos da área, o livro é pouco inovador, ajudando apenas a tomar conhecimento do que é produzido nestes países sobre o futebol.

Ficou faltando um investigador africano no livro, pois na maioria dos artigos europeus retoma-se a discussão acerca do racismo e da migração de jogadores africanos. Tais migrações, desde as ex-colônias, alguns em direção até às seleções nacionais, como por exemplo, a seleção inglesa e francesa, além dos times de toda a Europa que buscam jogadores africanos por sua vantajosa relação custo-benefício, ou seja, são muito baratos e rendem muito.